

REHMLAC

REVISTA DE ESTUDIOS HISTÓRICOS DE LA MASONERÍA

LATINOAMERICANA Y CARIBEÑA



“Os maçons brasileiros e sua história”

Michel Goulart da Silva

Consejo Científico: José Antonio Ferrer Benimeli (Universidad de Zaragoza), Miguel Guzmán-Stein (Universidad de Costa Rica), Eduardo Torres-Cuevas (Universidad de La Habana), Andreas Önnarfors (University of Sheffield), María Eugenia Vázquez Semadeni (Universidad Nacional Autónoma de México), Roberto Valdés Valle (Universidad Centroamericana “José Simeón Cañas”), Carlos Martínez Moreno (Universidad Nacional Autónoma de México), Céline Sala (Université de Perpignan)

Editor: Yván Pozuelo Andrés (IES Universidad Laboral de Gijón)

Director: Ricardo Martínez Esquivel (Universidad de Costa Rica)

Dirección web: <http://rehmlac.com/>
Correo electrónico: info@rehmlac.com
Apartado postal: 243-2300 San José, Costa Rica

Fecha de recibido: 25 febrero 2010 – Fecha de aceptación: 9 abril 2010

Palavras chave

Grande Oriente do Brasil, Maçonaria brasileira, Historiografia maçônica, José Castellani.

Keywords

Grand Lodge of Brazil, Brazilian Freemasonry, Freemasonic historiography, José Castellani.

Resumo

Este texto é uma resenha do livro *História do Grande Oriente do Brasil*, que aborda a trajetória da maçonaria brasileira nos séculos XIX e parte do XX, a partir da história institucional de sua principal obediência nacional. Procura-se nesta resenha analisar o livro a partir das discussões mais recente acerca de teoria da história e da historiografia acerca da maçonaria brasileira.

Abstract

This text is a review of the book *História do Grande Oriente do Brasil*, about the history of Freemasonry in Brazil in the 19th century and a part of the 20th century, from the institutional history of the main national allegiance. This review analyzes the book from the more recent discussions about the theory of history and historiography about Brazilian Freemasonry.

© Michel Goulart da Silva y REHMLAC.

Michel Goulart da Silva. Brasileiro. Historiador. Mestrando em História na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Brasil. Contato: michelgsilva@yahoo.com.br

Citado:

Dialnet (Universidad de la Rioja)

Directorio y recolector de recursos digitales del Ministerio de Cultura de España
AFEHC. Asociación para el Fomento de los Estudios Históricos en Centroamerica
Departamento de Filosofía de la Universidad Centroamericana “José Simeón Cañas”



Tipo de licença

“Reconhecimento- Não-comercial- Compartilhar igual”

“Os maçons brasileiros e sua história”

Michel Goulart da Silva

Introdução

No ano de 2009 foi reeditada a obra clássica do historiador maçom José Castellani *História do Grande Oriente do Brasil*, originalmente publicada em 1993, que aborda a trajetória da maçonaria brasileira nos séculos XIX e parte do XX.¹ O novo volume também inclui uma segunda parte, escrita pelo também maçom William Almeida de Carvalho, que trata da história recente do Grande Oriente do Brasil (GOB). Na obra, que pode ser considerada um dos trabalhos mais completos publicados a respeito da maçonaria no Brasil, narra-se os eventos que marcaram a trajetória dessa obediência maçônica nacional, a mais antiga e a principal do país, fundada em 1822, e sua atuação em importantes acontecimentos políticos e sociais, como a Independência do Brasil (1822), Abolição da Escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889).

O livro

Essa obra é uma “história oficial” do GOB, o qual detém os direitos de publicação, escrita por dois eminentes intelectuais maçons brasileiros vinculados à obediência. José Castellani, falecido em 21 de novembro de 2004, exerceu os cargos de Secretário de Cultura e Relações Públicas, no Grande Oriente de São Paulo. No GOB, foi Secretário-Geral de Educação e Cultura e Presidente do Conselho Federal de Cultura. Fundou a Associação Brasileira de Imprensa Maçônica e a Academia Maçônica de Artes, Ciências e Letras. Entre outros, escreveu os livros *A ciência maçônica e as antigas civilizações* (1980), *Os maçons na independência do Brasil* (1993) e *A ação secreta da maçonaria na política mundial* (2001). O autor da segunda parte, William Almeida de Carvalho, é doutor em Ciência Política pela Panthéon-Sorbonne e professor da Associação Brasileira de Orçamento Público, tendo sido Secretário de Educação e Cultura do Grande Oriente do Distrito Federal e subchefe do Gabinete Civil da Presidência da República. Também é membro da Scottish Rite Research Society, do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal e da Academia de Letras de Brasília.

Publicada pela Editora Madras, uma editora especializada em obras a respeito de maçonaria e outras ordens, essa obra está baseada em documentos oficiais da obediência, mostrando uma intensa pesquisa nos arquivos da própria maçonaria brasileira. Nessa obra, os autores apresentam os acontecimentos considerados mais relevantes desde a criação das primeiras Lojas antes mesmo da fundação do GOB, a consolidação dessa obediência e sua atuação política nos séculos XIX e XX, estendendo-se à contemporaneidade e mostrando a

¹ José Castellani e William Almeida de Carvalho, *História do Grande Oriente do Brasil. A maçonaria na história do Brasil* (São Paulo: Madras, 2009).

participação da maçonaria em diferentes segmentos da sociedade brasileira. A narrativa é realizada em um tom bastante eloquência e apaixonado, evidenciando o vínculo estreito de seus autores com a obediência, que, nas palavras de José Castellani, foi “partícipe dos grandes acontecimentos político-sociais da história do Brasil”.²

No livro, os autores se preocupam em narrar os acontecimentos que consideram “portadores de futuro” relacionados ao GOB, bem como sua dinâmica sócio-política interna e a relação estabelecida entre as lojas maçônicas e delas com o restante da sociedade. Conforme José Castellani, a obra não “se limita aos fatos e atos internos”, também “analisando os externos, ou seja, aqueles advindos da atividade político-social dos maçons”. O autor também afirma que entende a maçonaria como “uma instituição eminentemente política, atuando dentro de padrões éticos, consubstanciados na própria essência sociológica da política, no sentido da manutenção das grandes conquistas sociais da Humanidade e da defesa do liberalismo e das ideias libertárias”.³

Pode-se perceber a estruturação da narrativa em dois eixos principais e paralelos. De um lado, descreve-se o desenvolvimento do GOB enquanto obediência maçônica nacional, citando e transcrevendo documentos importantes, como atas, discursos, boletins, relatórios, publicações, entre outros. Por outro lado, identifica-se de que forma a maçonaria atuou em processos políticos relevantes para as mudanças na situação política do Brasil, como a Proclamação da República.

Embora seja possível identificar esses dois eixos narrativos na obra, é perceptível a existência de um desnível entre as duas partes, ou seja, a parte mais recente, escrita por William Almeida de Carvalho, mostra-se uma simples enumeração de fatos considerados importantes, como a sucessão de grãos-mestres e suas aparições públicas, a relação com as maçonarias de outros países, as comemorações de datas importantes, os cursos realizados, entre outros aspectos. O próprio William de Carvalho comenta isso ao apresentar sua metodologia de trabalho, na qual primeiro expõe “uma visão sintética e panorâmica dos diversos presidentes da República brasileiros no período analisado para contextualizar o ambiente político no qual o GOB se insere e interage”,⁴ e depois narra os fatos “portadores de futuro” relacionados à obediência no referido período.

A primeira parte, entretanto, escrita por José Castellani, apresenta texto bem melhor amarrado e com mais fluidez. Sua narrativa estabelece uma clara diferenciação entre o cotidiano da maçonaria e a política profana, embora procure perceber de que forma a maçonaria está inserida nos contextos específicos. Mostra-se, por exemplo, que o GOB não saiu ileso do golpe civil-militar que derrubou o presidente João Goulart, no ano de 1964, e que deu início a vinte anos de ditadura. Embora a posição majoritária dentro do GOB tenha sido de defesa ao movimento golpista, aderindo ao discurso de que estava em marcha uma tentativa golpista por parte dos comunistas, havia maçons progressistas que defendiam as reformas de base e a política de desenvolvimento econômico baseada na intervenção estatal, propostas pelo presidente João Goulart.

² *Ibíd.*, 20.

³ *Ibíd.*, 15.

⁴ *Ibíd.*, 318.

Por outro lado, durante a própria ditadura, o imaginário anticomunista, que permeou a sociedade brasileira desde a década de 1920, também se fez sentir na maçonaria. Um dos antecedentes da cisão de 1973, considerada uma das mais longas da maçonaria brasileira e que deu origem à Confederação Maçônica Brasileira (COMAB), foi justamente a acusação de “infiltração comunista” no GOB. Em 1970, José Castellani, então Secretário de Educação e Cultura do GOB, levou ao público maçom um conjunto de efemérides, nas quais incluiu os aniversários de nascimento de Friedrich Engels e Vladimir Lênin, líderes do movimento comunista de suas respectivas épocas. Esse documento motivou a impetração de inquérito policial, o que afetou a intimidade das lojas sem que os resultados almejados pelos acusadores fossem alcançados, na medida em que foi provada a inexistência da suposta infiltração.

No entanto, embora a primeira parte do livro tenha melhores qualidades do que a segunda, percebe-se em ambas a predominância de uma concepção tradicional de História, na forma de *historia magistra vitae*, ou seja, da história como “mestra da vida”. Inclusive, o livro traz como epígrafe uma frase de Marco Túlio Cícero, onde afirmar que “a História é a testemunha dos tempos, a luz da verdade, a vida da memória, a mestra da vida, a mensageira da antiguidade”.⁵ Nessa concepção, criticada desde pelo menos o século XIX, “a história seria um cadinho contendo múltiplas experiências alheias, das quais nos apropriamos com um objetivo pedagógico”, ou seja, “a história deixa-nos livres para repetir sucessos do passado, em vez de incorrer, no presente, nos erros antigos”.⁶

Essa compreensão da História por parte dos autores se evidencia de diferentes formas, como no entendimento de que os documentos possibilitariam conhecer a verdade acerca do passado. Parra José Castellani, “diante do complexo drama da história, o historiador deve, muito humildemente, compreender e explicar a documentação dos arquivos. Fora daí, ele será apenas intelectual ou escritor literário”.⁷ Para os autores os documentos não são fragmentos que, ao trazerem informações acerca de acontecimentos passados, possibilitam ao historiador contar uma narrativa o mais verossímil possível. Os documentos utilizados como fontes são eles próprios o passado, cabendo ao historiador apenas contar o que eles dizem.

Em ambas as partes os autores tomam como ponto de partida o desejo de escrever a verdade, como se os fatos falassem por si, pressupondo que citar uma quantidade abundante de documentos seria garantir uma escrita fiel ao que “realmente aconteceu”. Segundo José Castellani, esta obra “apenas registra os fatos e suas consequências, sem pretender fazer julgamento dos atos ou dos homens que desfilam por suas páginas”.⁸

Constroem uma narrativa linear, pressupondo que a organização cronológica dos documentos e dos fatos garanta que a escrita histórica não distorça o passado que se pretende resgatar. Portanto, o livro acaba se tornando uma crônica que enumera alguns acontecimentos relacionados ao GOB, narrando os fatos tidos como “portadores de futuro” e apresentando uma série de documentos que visam provar a veracidade do que é dito. Não é, portanto, uma

⁵ *Ibid.*, 13.

⁶ Reinhart Koselleck, *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* (Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006), 42.

⁷ Castellani e Carvalho, 14.

⁸ *Ibid.*, 14.

obra histórica que visa problematizar a constituição e consolidação do GOB enquanto obediência maçônica ou a atuação da maçonaria na política brasileira, mas uma tentativa de contar a história de forma panorâmica e neutra, utilizando-se da citação fiel de documentos e da narrativa linear que apenas apresenta os acontecimentos.

Inclusive, a proposta de trabalhar uma história de quase dois séculos, procurando narrar eventos que poderiam “eternizar” os homens que os realizou, pouco dialoga com as inovações historiográficas das últimas décadas. Além disso, tal proposta não expressa os avanços nas pesquisas a respeito da maçonaria no Brasil realizadas por historiadores maçons ou profanos, destacando-se nomes como o de Alexandre Mansur Barata⁹ e Eliane Lucia Colussi.¹⁰ Nesse sentido, o próprio José Castellani alerta que “esta obra não pretende esgotar um assunto presumidamente inesgotável, deixando campo aberto para outras, mais abrangentes e específicas. Por isso, ela é sintética, panorâmica”.¹¹

Considerações finais

Apesar dessas fragilidades, principalmente a parte escrita por José Castellani mostra um grande empenho de pesquisa e um vasto conhecimento acerca do tema tratado e dos documentos utilizados como fontes. Pode-se afirmar, dessa forma, que, enquanto síntese da história do GOB, localizando sua participação em alguns acontecimentos políticos ocorridos no Brasil, a obra de José Castellani, acrescida dos capítulos redigidos por William Almeida de Carvalho, é uma importante contribuição para que se possa conhecer a atuação da maçonaria na política brasileira e um primeiro passo fundamental para estudos posteriores.

Os historiadores mais jovens podem dar novos passos de modo a enriquecer a história da maçonaria no Brasil, não se limitando a descrever os acontecimentos “portadores de futuro”, mas problematizando os diferentes processos sociais e políticos e as diferentes forças que neles atuaram. Nesse sentido, compreendendo os limites de seu texto, o próprio José Castellani afirmou: “Outras obras virão. Outros autores. A aprofundar a análise dos fatos antigos e a relatar os novos. Porque a história não para!”.¹² Essa escrita da História, que nos últimos anos possibilitou a outros pesquisadores desenvolver pesquisas de fôlego a respeito da maçonaria, pode aprofundar o conhecimento que temos a respeito das contribuições dos maçons brasileiros para a política e para a cultura no Brasil, mostrando-os como importantes sujeitos históricos, embora tomando o cuidado de não confundir a ação individual de alguns maçons em processos histórico e de não esquecer que em muitos momentos os maçons coletivamente tomaram posição e atuaram politicamente.

⁹ Alexandre Mansur Barata, *Maçonaria, sociabilidade ilustrada e independência do Brasil (1790-1822)* (São Paulo: Annablume; Juiz de Fora: EDUFJF, 2006).

¹⁰ Eliane Lucia Colussi, *A Maçonaria Gaúcha no século XIX* (Passo Fundo: EDUFPPF, 1998).

¹¹ Castellani e Carvalho, 15.

¹² *Ibíd.*, 15.